

08-09-2021

APONTAMENTOS SOBRE O ÓDIO E O AMOR

La estrella azul de Peteco Carabajal

Muza Clara Chaves Velasques

[Professora de história e pesquisadora da ENSP/Fiocruz]

Vivemos de sobressaltos. Como em um conto da literatura fantástica poderíamos traduzir a nossa sociedade hoje através do combate inegavelmente injusto entre o amor e o ódio. As armas do ódio são frontalmente letais e muitas vezes sorrateiras.

Na luta calam o amor diante da morte, da dor profunda, do insosego de sua alma. Sua mente passa a desconhecer a quietude. Dá dor no estômago e no seu coração. O ódio é inimigo do amor, e ainda assim o amor se move... Importante que tenhamos clareza sobre a identidade da liderança política do país. Que não esperemos nada a não ser o aprofundamento do autoritarismo, o alargamento das desigualdades sociais, a exploração que mata sem nem querer saber o nome do morto, as ações das portarias ministeriais e decretos leis ao bem da ordem burguesa branca, do seu conservadorismo e do reacionário. ... Desconstroem-se indivíduos coletivos e o seu direito ao trabalho digno e à vida. O extermínio de crianças e jovens negras e negros e pobres das favelas e periferias das grandes cidades, aprofundou-se como fato cotidiano no Brasil da violência institucional armada, traduzida nas ações da polícia nas linhas das políticas de segurança pública. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021), a população negra foi a maior vítima da ação policial correspondendo a 78,9% dos 6.416 mortos, oficialmente registrados, por policiais em 2020.

De forma correlata tratam os movimentos sociais, militantes e lideranças de trabalhadores em luta como alvos da punição policial penal. O discurso midiático do governo potencializa a sociedade das armas (27/08/2021) fazendo avançar o capital nacional e internacional da indústria bélica no país, assentados em poderes locais tradicionais e outros tantos de surgimento mais recente e de feição acentuadamente fascista/neofascista.

Mitigar a fome da população mais vulnerável torna-se absolutamente supérfluo - porém, esta pode a qualquer momento se transformar em *multidão perigosa* ocupando as ruas, daí o temor em ebulição das classes dominantes.

No domingo do dia 22 de agosto, o jornal o Estado de São Paulo, nas páginas do seu primeiro caderno, anunciava o perigo da derrota do "marco temporal" na votação no Supremo Tribunal Federal (STF). Em defesa dos ruralistas que clamam pela vitória do "marco temporal", o jornal argumentava que a produção do agronegócio estaria ameaçada caso futuras demarcações de terras dos povos originários aconteçam. Neste mesmo domingo mais de 170 etnias indígenas tinham chegado a Brasília para o início das manifestações contra o que pode representar a vitória da política de "zero demarcações". Na garantia dos seus lucros com a propaganda, paga pelos donos do agronegócio, a grande imprensa realiza a manipulação da informação ao mesmo tempo em que defende os seus interesses de classe associados ao mercado e ao capital financeiro. Alinham-se: a manutenção da concentração de terras no interesse do agronegócio, a mineração e o mercado internacional. Como resultado a continuidade do genocídio indígena. No grosso e destacado caldo da extrema direita, encontra-se a Frente Parlamentar Evangélica (FPE).

Se a sua origem nos espaços de representação política data dos anos de 1980, hoje a sua força aloja-se na manutenção das bases eleitorais de fiéis, nos Ministérios e no capital econômico que conquistou. Desvendar as históricas alianças entre as forças econômicas e políticas no país convergentes na promoção do *Estado mínimo* em benefício do mercado e da acumulação privada, em um quadro da negação dos direitos humanos, não é tarefa fácil. Uma das fundamentais chaves de compreensão foi elaborada pelo sociólogo militante Florestan Fernandes (1920-1995). A atualidade de suas análises nos ajuda a entender os retrocessos em que estamos mergulhados.

Partindo das especificidades históricas do capitalismo brasileiro - periférico e dependente - e tendo o Golpe de 1964 como um dos pontos nevrálgicos de análise, Florestan compreendeu o papel que a classe burguesa e seus estratos executaram.

De forma diversa das revoluções burguesas clássicas da Europa que estabeleceram democracias liberais em sua maioria, no Brasil se realizou a *contrarrevolução preventiva* dando sentido à manutenção do poder de classe da burguesia através da ditadura numa composição com os interesses do capitalismo internacional. Florestan desvendou a face reacionária da dominação chamando atenção para o seu caráter *autocrático* - já presente antes do golpe de forma dissimulada. A burguesia concretizou uma ditadura de classe preventiva oriunda da sua mesma dominação, derrotando as forças populares em suas lutas e o que identificava como radicalismos de toda a ordem. Trabalhadores urbanos e rurais ameaçavam o padrão de dominação autocrática burguesa. Ao Estado, coube o papel de preservar as estruturas de poder político submissas a este controle, mantendo a ordem na combinação entre expropriação e autocracia em prol das diferentes forças capitalistas vigentes. Os setores militares na representação do Estado deram ao capital estrangeiro e nacional oportunidades inaugurais de superexploração intensiva da força de trabalho, condição central para o desenvolvimento capitalista dependente e monopolista. A apropriação devastadora dos recursos naturais, do financiamento público e da sua infraestrutura estão no suporte também deste processo.

A expressão fascista para Florestan teria origem na necessidade da institucionalização da opressão sistemática e na garantia do estrangulamento de qualquer onda de protesto popular evitando as revoltas associadas ao apoio de outras camadas divergentes da classe burguesa. Reacionarismo, autoritarismo e exploração, estaria aí o significado da dominação burguesa no Brasil e a sua vocação para produzir formas sistemáticas de ditadura de classe. No avanço do recrudescimento dos discursos neofascistas em nossa sociedade hoje, as análises de Florestan são fundamentais para termos clareza da luta e dos limites de qualquer consenso. Para ele a produção do conhecimento nunca poderia ser construída em abstrato à realidade. Acreditava que a apropriação da classe trabalhadora de todo o referencial teórico no próprio conhecimento, em seus processos formativos na dinâmica da luta de classes, se converteria em força cultural e política. Florestan foi incansável no combate pela educação pública onde via a possibilidade da unidade entre conhecimento do mundo e transformação para emancipação humana. ■ ■ ■

Notas e Referências

1 - Ver [Florestan Fernandes](#)

2 - *A Revolução Burguesa no Brasil* 2ed. 1976

3 - Ver também: [Florestan Fernandes: cem anos - Marxismo 21](#) ; [Armas](#) ; [The Intercept Brasil](#) ; [Edir Macedo](#)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.